

LAÇOS INTERCULTURAIS ENTRE BRASIL E MOÇAMBIQUE NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio (POS-LE/UFCG)

Josilene Pinheiro-Mariz (POS-LE/UFCG)

Introdução

Parece-nos que muitas pessoas na nossa sociedade confundem o conceito de cultura com intelectualidade resultando, desse modo, em uma falsa noção a esse respeito; isto se dá quando se escuta que “fulano” ou “beltrano” é culto, visto que lê muito, ou porque possui muito conhecimento sobre um determinado assunto. Em outras palavras, essas pessoas não compreendem que não existem pessoas sem cultura, o que existe, na verdade, são culturas diferentes. Logo, partimos do princípio de que a cultura é um comportamento implícito que rege as diversas áreas da nossa sociedade, como educação, política, economia (SANTOS, 2006). Essa regência, isto é, essa cultura é o que muda, já que uma sociedade pode ter um modo diferente de reger sua educação, sua política, entre outras áreas.

Sendo assim, é fato que a sociedade moçambicana pode diferenciar-se da sociedade brasileira, já que, se tratando de culturas distintas, elas podem tanto assemelhar-se como diferenciar-se. Para conhecermos as semelhanças e diferenças existentes entre essas culturas, precisamos realizar o que denominamos de interculturalidade, ou seja, um diálogo cultural entre diferentes culturas.

Para gerar esse diálogo cultural, normalmente, utilizamos textos que seja, de alguma forma partilhadas por duas culturas, tais como provérbio, mito, lenda e conto que são gêneros orais sobrecarregados de cultura. Portanto, ao lermos esses textos, precisamos conhecer de modo mais aprofundado a sua cultura de

origem, procurando observar os costumes dos povos que propagam esses textos orais. Ao compararmos esses textos, lembramo-nos da importância tanto da cultura que é inerente ao texto, quanto da Literatura Comparada, que, de acordo com Coutinho e Carvalhal (2006), tem como função investigar as semelhanças e diferenças entre as nações, buscando, conseqüentemente, realizar a interculturalidade como podemos ver nas palavras dos autores abaixo.

Investigar como as nações aprenderam umas com as outras, como elas se elogiam e criticam, se aceitam e rejeitam, se imitam ou distorcem, se entendem ou interpretam mal, como elas abrem os corações ou se fecham umas às outras, mostrar que as individualidades, como períodos inteiros não são mais do que elos de uma cadeia longa e multifilamentada que liga passado e presente, nação a nação, homem a homem – estas, em termos gerais, são as tarefas da história da Literatura Comparada (COUTINHO e CARVALHAL, *op.cit.*, p.54).

Após lermos as palavras dos autores acima apresentadas, vemos que, por meio da literatura comparada, é possível identificar as semelhanças e diferenças entre nações distintas que podem se elogiar e se criticar, se aceitar e se rejeitar, se imitar e distorcer, mas que, no fundo, podem apresentar algumas semelhanças. Por isso, tendo em vista isso, bem como o fato de os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) exigirem o ensino da interculturalidade na sala de aula, assim como a Lei 10.639/03 obrigar o ensino da cultura africana na sala de aula, temos como objetivo, no presente trabalho, observar como se dá o diálogo cultural entre Brasil e Moçambique, na aula de língua portuguesa, analisando as percepções dos alunos/leitores quanto às semelhanças e diferenças culturais entre essas nações.

Para tanto, selecionamos o gênero literário conto oral que, como já foi dito acima, é um gênero sobrecarregado de cultura. Os contos que analisados serão: o conto brasileiro *Porque o negro é preto*, presente no livro *Contos Tradicionais do Brasil* de Câmara Cascudo; e *As mãos dos pretos*, presente na coletânea também intitulada *As mãos dos pretos*, em contos reunidos por Nelson Saúte. Para tanto, estamos ancoradas nas reflexões sobre cultura de Santos (2006); interculturalidade de Jullien (2009); narrativa oral, de Jolles (1976); oralidade nas culturas africanas, de Freitas (2010); Literatura africana de Leite (2012); literatura comparada, na percepção de Coutinho e Carvalhal (2006), dentre outros autores.

Finalmente, para facilitar a leitura e compreensão do presente texto, ressalte-se que este trabalho está organizado em três tópicos, dentre os quais temos inicialmente o tópico *Literatura africana: a forte presença da tradição oral*, no qual fazemos um breve percurso sobre a origem da literatura e uma reflexão sobre a literatura africana, bem como a forte influência que a tradição oral possui nessa literatura; *O diálogo cultural por meio do gênero oral*, tópico em que fazemos a análise dos dados coletados para a pesquisa e, finalmente, algumas *considerações finais* sobre a pesquisa. Por fim, apresentamos as referências utilizadas ao longo de todo o trabalho e os contos analisados em anexo.

Literatura africana: a forte presença da tradição oral

Antes de falarmos um pouco sobre a literatura africana, precisamos, primeiramente, lembrar o que é literatura e qual a sua origem, embora saibamos que se trata de um intento que muitos estudiosos já apresentaram em ocasiões anteriores. Pensando nisso, refletimos sobre o que diz Mesquita (2005). Baseado em Aristóteles, o autor em questão mostra-nos que, na antiguidade, a Literatura foi moldada pela retórica que teve sua origem como metalinguagem do discurso oratório. Isso nos faz entender que a origem da literatura tem muito da tradição oral, embora, ainda conforme o autor em questão, o desaparecimento da maior parte da literatura antiga nos impeça de fazer uma avaliação digna do impacto que a Retórica de Aristóteles teve na literatura posterior.

Entretanto, embora não possamos medir a dimensão do impacto da retórica na literatura, vale conhecer um pouco melhor sobre a origem dessa arte oratória que deu início ao uso da comunicação como uma ciência. Segundo Mesquita (2005), a retórica teve origem por volta de 485 a.C quando foram necessárias as faculdades orais de comunicação em júris populares. Após essa necessidade, as pessoas perceberam o quão importante é saber expressar-se oralmente e, no caso dos júris populares, poderem se defender. Por isso, criaram uma arte que fosse ensinada nas escolas habilitando os cidadãos a defenderem as suas causas. Essa arte, posteriormente, passou a ser chamada de retórica como podemos ver nas palavras do autor abaixo.

Por volta de 485 a.C, dois tiranos sicilianos, Gélon e Hierão, povoaram Siracusa e distribuíram terras pelos mercenários à custa de deportações, transferências de população e expropriações. Quando foram destronados por efeito de uma sublevação democrática, a reposição da ordem levou o povo à instauração de inúmeros processos que mobilizaram grandes júris populares e obrigaram os intervenientes a socorrerem-se das suas faculdades orais de comunicação. Tal necessidade rapidamente inspirou a criação de uma arte que pudesse ser ensinada nas escolas e habilitasse os cidadãos a defenderem as suas causas e lutarem pelos seus direitos. E foi assim que surgiram os primeiros professores do que mais tarde se viria a chamar retórica. (MESQUITA, 2005, p. 19).

Vale lembrar que, embora o termo retórica tenha surgido da necessidade apresentada no trecho acima, desde Homero, a Grécia já se preocupava com a arte do bem falar. Em outras palavras, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia* há diversos conselhos, assembleias, discursos, etc, uma vez que, naquela época, falar bem era tão importante para o guerreiro quanto o próprio combate. Logo, vimos que, de certa forma, já havia antes a literaturização da retórica por mais que isso só tenha sido, realmente, percebido quando, conforme Mesquita (*op.cit.*, p. 59), “Demétrio aprofundou a matéria relativa ao estilo e à composição” e deu os primeiros sinais de abertura ao fenômeno que, mais tarde, resultou na literaturização da retórica.

Ainda vale lembrar que essa tradição oral trazida à literatura pela retórica propicia-nos conhecer as culturas, nas quais os textos literários se inserem uma vez que é pela oralidade que propagamos os costumes de uma cultura. Se pensarmos, por exemplo, nos textos homéricos, vimos que eles são uma excelente ferramenta para o conhecimento da cultura antiga da Grécia. Inicialmente, esses textos eram propagados apenas oralmente, contudo, posteriormente, quando foram registrados eles continuaram apresentando as marcas da oralidade que se apresentava por meio de diversos elementos a exemplo da persuasão como podemos ver nas seguintes palavras:

Se a literatura é o nosso melhor veículo de acesso à cultura e à civilização grega, o facto é que essa literatura foi em larga medida moldada pela retórica. Já em Homero os gregos se distinguiram pela facúndia, e sempre gostaram de saborear a força e a magia das suas próprias palavras. A retórica brotou da sua genial capacidade para a expressão oral e inspirou-se no doce sabor da palavra usada com fins persuasivos (MESQUITA, 2005, p. 16).

Vimos nas palavras acima que a literatura, que apresenta em si a retórica, é um meio de preservação e propagação da cultura. Mas, depois de pensarmos na origem, precisamos pensar também no conceito. Então, afinal, o que é Literatura? Essa é uma questão constante entre estudiosos desse campo e que, de alguma forma, é respondida por Terra (2014), ao afirmar que o termo literatura originou-se da palavra *littera*, cuja definição é letra. Tal significado fez a literatura, historicamente, associar-se única e exclusivamente ao texto escrito. Se por literatura tivéssemos apenas o registro escrito, como afirma o autor, os poemas homéricos como *Ilíada* e *Odisseia* não poderiam ser considerados literatura, visto que, antes de serem registrados na forma escrita, foram propagados oralmente. Além disso, vale lembrar que, na África, a literatura oral também surgiu primeiro do que a literatura escrita, isto é, a escrita só veio com a função de registrar os textos orais para que eles não se perdessem ao serem repassados de geração para geração.

Tendo em vista essa contradição percebida na origem da terminologia literatura oral, Terra (*op. cit.*) afirma que o conceito de literatura tem variado muito nas discussões teóricas, por isso, ele nos apresenta duas concepções para a literatura. A primeira considera literária a linguagem especial que se distancia da linguagem ordinária. Portanto, nesse caso, temos como literatura apenas os textos clássicos. Já a segunda concepção toma como base para a literariedade do texto os aspectos exteriores a ele (aspectos sociais, ideológicos, culturais e históricos). Sendo assim, conforme essa concepção, uma obra se configura literária quando é reconhecida institucionalmente. Logo, podemos considerar, de acordo com tal concepção, o cordel como gênero literário já que é um texto sobrecarregado de cultura.

Pensando nesse conceito de literatura que enfatiza o valor cultural do texto, destaca-se que a literariedade de um texto está além do fato de ele ser escrito ou oral, assim como de suas características imanentes. Um texto não é literário apenas quando está escrito em versos ou em prosa, portanto, o gênero também não é um fator suficiente para classificar um texto como literário ou não. Mas, se pensando nesse conceito cultural da literatura, podemos caracterizar um texto literário quando o mesmo retrata a sua cultura de origem. E, se pensando dessa forma, lembramos dos contos orais que são textos que retratam de forma fiel a sua cultura uma vez que é produzido e reproduzido pelo próprio povo.

No que concerne ao conto oral, refletimos sobre o que Leite (2012, p.26) afirma quando fala desse gênero: “[...] no âmbito da literatura, o conto foi, e continua a ser, muitas vezes, encarado como a “forma” adequada, o instrumento narrativo “africano” por excelência”. Em outras palavras, se pensando na literatura oral, e, nesse caso, na literatura oral africana, pensamos no conto oral que preserva e retrata a cultura do povo africano tornando-se um instrumento literário por sua vez.

No entanto, vale salientar que o conto oral é muito importante não só na cultura africana ou no continente africano, mas em todas as culturas, em todos os continentes. O conto oral, de acordo com a autora em questão, é universal, pois está presente em todas as culturas. Um exemplo disso é que ele está também presente na cultura brasileira, uma vez que o objetivo desse trabalho é realizar um diálogo cultural entre as culturas brasileira e moçambicana por meio desse gênero. Pensando nessa universalidade do conto, Leite (*op.cit*) afirma:

Ora, talvez mais do que qualquer outro gênero, o conto oral é universal e comum a todas as culturas e continentes. O fato de uma parte das sociedades africanas continuar a ser fundamentalmente camponesa e agrícola, e manter as tradições orais como forma de preservação da sua bagagem cultural, não significa que o conto, a forma mais popular de transmissão de conhecimento e de cultura, seja necessariamente a forma “natural” ou “essencial” de reconhecimento da africanidade literária. (LEITE, *op. cit.*, p. 26)

Como vimos nas palavras da autora acima, o conto é a forma mais popular de transmissão de conhecimento e cultura, o que nos faz lembrar mais uma vez que as narrativas orais são perpassadas de geração a geração, e, ao lembrarmos das narrativas africanas recordamo-nos que, na África, existe a tradição dos mais velhos contarem histórias para os mais novos ao redor de uma fogueira. Essas histórias eram nada mais nada menos do que o popular conto oral.

Contudo, ao discutirmos sobre a cultura africana, precisamos entender que, embora haja, nesse continente, características singulares a cada país e a regiões particulares, há também diversas culturas como no caso do Brasil que é um país misto e também apresenta características culturais diversas. Logo, não podemos generalizar como cultura africana, uma vez que se trata de um continente e, portanto, são as culturas africanas.

Sendo assim, por conseguinte, voltando a refletir sobre o objetivo desse trabalho, diálogo cultural entre Brasil e Moçambique, poderíamos pensar em como é a tradição oral nos países africanos de língua portuguesa. Ainda segundo Leite (2012, p.34), “as literaturas africanas de língua portuguesa encontraram maneiras próprias de dialogar com as “tradições”, intertextualizando-as, obtusamente, no corpo linguístico”. Isso nos faz recordar o quanto a tradição cultural africana está implícita ao corpo linguístico do texto como veremos no conto moçambicano que será analisado no próximo tópico. Vale salientar também que esses contos tanto a cultura geral que nos remete a oralidade africana como um todo, como também a cultura local, isto é, a tradição, por exemplo, moçambicana, visto que cada país também apresenta seus próprios costumes.

Por fim, vemos que esses costumes retratados nos contos orais mostra-nos, como já discutimos, a cultura do lugar onde os contos são reproduzidos, Pensando assim, esses textos se tornam uma ferramenta para construir uma diálogo cultural entre nações que é a função da literatura comparada como vimos no início desse trabalho. Por meio dessa literatura, no próximo tópico, veremos no próximo tópico em que momento Brasil e Moçambique e assemelham e se diferenciam.

A interculturalidade por meio do conto oral

Após termos feito uma breve discussão sobre Literatura e, mais especificamente, a influência da tradição oral na literatura africana, analisaremos nesse tópico a leitura do conto moçambicano *As mãos dos pretos* e do conto brasileiro *Porque o negro é preto* (conf. anexo) realizada por alunos do segundo ano do ensino médio. Veremos como, por meio desses textos, os alunos detectaram as semelhanças e diferenças entre as culturas brasileira e moçambicana, cumprindo, desse modo, com a função da literatura comparada. Mas, antes de partirmos para análise das atividades, veremos brevemente onde e como foi feita a atividade com os alunos citados.

Esta atividade foi executada na escola estadual CAIC José Jofilly na cidade de Campina grande, numa turma do segundo ano do Ensino Médio. Tal intervenção foi realizada em dez aulas, dentre as quais fizemos, inicialmente, uma contextualização sobre cultura por meio do texto de Roberto da Matta intitulado

“Você tem cultura”, publicado em 2012, para desmistificarmos a ideia de que cultura é semelhante à intelectualidade. Após trabalharmos o conceito de cultura propriamente dito, citamos algumas culturas, trazendo, desse modo, discussões sobre a cultura africana e apresentando os países africanos de língua portuguesa, principalmente, Angola e Moçambique que são as culturas africanas objeto de nosso estudo. Depois de fazermos essa contextualização, começamos a fazer as discussões sobre os contos brasileiros e africanos. Em seguida, interpretamos o conto africano e, finalmente, instigando o diálogo cultural. No total, interpretamos seis contos, sendo três brasileiros e três africanos. Contudo, neste trabalho, apresentaremos apenas o diálogo cultural realizado por dois contos, sendo eles: *Porque o negro é preto* (conto oral brasileiro) e *As mãos dos pretos* (conto oral moçambicano).

Sendo assim, antes de analisarmos as respostas dos alunos sobre quais são as semelhanças e diferenças entre os contos, apresentaremos um pouco sobre cada um dos textos que foram apresentados na sala de aula. Inicialmente, levamos para os alunos o conto oral brasileiro intitulado *Porque o negro é preto*. Se pensando no diálogo cultura, é interessante sempre começar a realizar esse diálogo da cultura de origem, isto é, nesse caso, começamos com a cultura brasileira que é a cultura materna dos alunos. Após ler e interpretar o conto brasileiro, os alunos leram e interpretaram o conto moçambicano para, a partir disso, poder enxergar as semelhanças e diferenças entre as duas culturas presentes nos textos.

Lendo os contos, vemos que ambos tentam justificar o porquê de as mãos e a sola dos pés dos negros serem mais claras do que o restante do corpo. No conto brasileiro, o narrador conta a história de quando Jesus andava pela Paraíba. Ele passava na casa do povo fazendo inspeções e, ao chegar na casa de um camponês, deparou-se com uma jovem mulher com seus filhos. Envergonhada por ter dezesseis filhos, a mulher do camponês escondeu metade das crianças num quarto e, quando Jesus perguntou o que havia dentro do quarto ela disse que era carvão. Por isso, quando o senhor saiu da casa disse: “Se for carvão, não mudará a cor”. Entretanto, como não era carvão, as crianças ficaram pretas. Triste por isso, a mãe levou os filhos para tomarem banho no rio Jordão, mas, como o rio só tinha um fiozinho de água, os meninos só puderam lavar a palma das mãos e a sola dos pés, ficando, dessa forma, com essas partes do corpo mais claras.

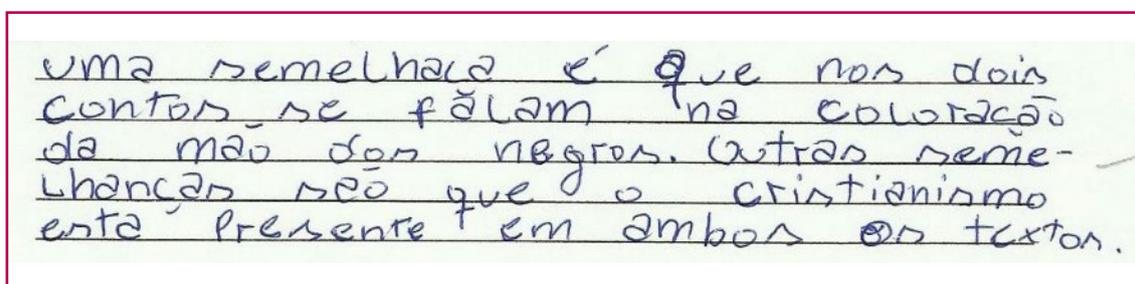
O conto moçambicano, do mesmo modo que o brasileiro, tenta justificar o fato de a palma da mão e a sola dos pés dos negros serem mais claras. Contudo, nesse conto, há várias justificativas, uma vez que, de acordo com a cultura de origem do texto a tradição oral é muito forte. Logo, é como se várias pessoas mais velhas contassem uma história a uma criança para justificar o fato misterioso.

Uma vez conhecendo a história apresentada pelos contos, passaremos para as semelhanças e diferenças detectadas por dois alunos: sujeito 13 e sujeito 17. Esses estudantes responderam a duas questões, dentre as quais, na primeira, eles deveriam identificar as semelhanças entre os textos, enquanto que, no segundo, deveriam identificar as diferenças entre tais textos.

Sujeito 13

Inicialmente, veremos a resposta do sujeito 13 para a primeira questão, isto é, veremos qual a semelhança entre os textos encontrada por ele. Vejamos a resposta na imagem abaixo.

Figura 1: resposta do sujeito 13 para a primeira questão



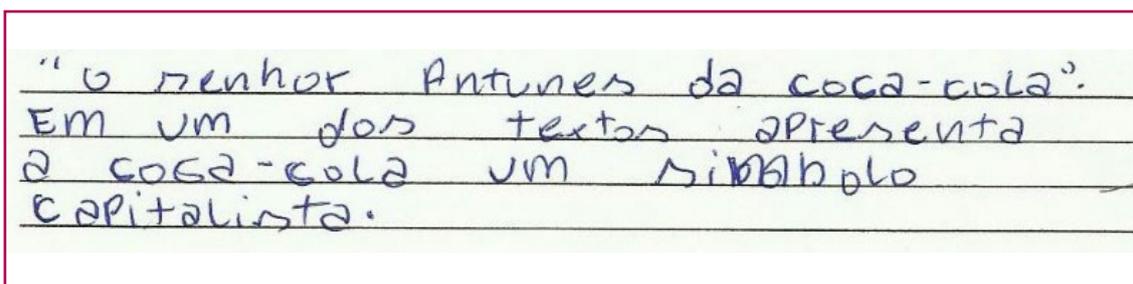
Após observarmos a imagem acima, na qual contém a resposta do estudante, na qual encontramos a resposta do sujeito 13, vimos que ele detectou tanto a semelhança por parte da coloração da palma das mãos, esquecendo de citar a sola dos pés, quanto o fato de os dois contos terem influência do Cristianismo. Em outras palavras, o aluno conseguiu observar que ambos os contos trazem elementos do Cristianismo, dentre os quais podemos citar: Deus, o rio sagrado no qual se lavando os homens negros ficariam brancos, bem como os santos como no caso do conto brasileiro em que Santo Pedro orienta a mulher do camponês a levar seus filhos para o Rio Jordão. Contudo, o aluno em questão esqueceu de

citar a presença do racismo tão presente nos dois textos abordados.

No primeiro texto, a mulher do camponês expôs o seu desgosto ao ver que os filhos haviam ficado negros. Além disso, seguindo a orientação do santo Pedro, ela levou seus filhos para se banharem no rio sagrado que, por ser sagrado, cura doenças. Podemos ver uma passagem parecida com essa na bíblia, em que Naamã ao seguir o conselho de Eliseu que diz “Vá e lave-se sete vezes no rio Jordão; sua pele será restaurada e você ficará purificado” (2 Reis 5:10-15) é curado de lepra. Tendo em vista essa passagem da bíblia, comparando-a com a passagem do conto, podemos concluir que, nesse texto, ser negro é ser doente, leproso.

Partindo para o segundo momento da análise em processo, vejamos a figura abaixo na qual o sujeito 13 identifica as diferenças presentes entre os contos *Porque o negro é preto* e *As mãos dos pretos*.

Figura 2: resposta do sujeito 17 para a segunda questão



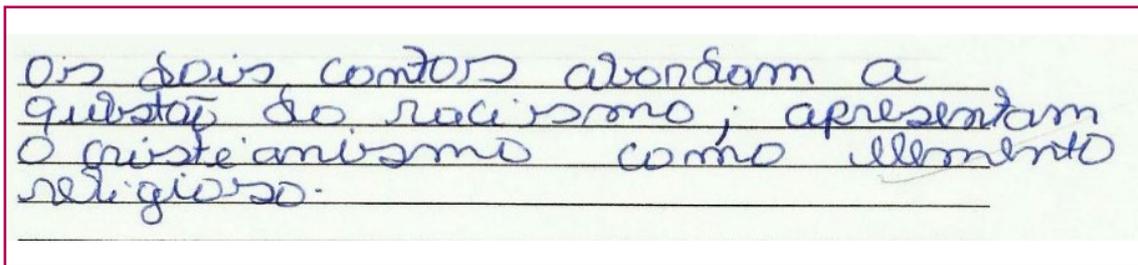
Ao observarmos a imagem acima, vimos que o sujeito 13 identificou apenas o capitalismo como diferença uma vez que no conto moçambicano há a presença da coca-cola como símbolo do capitalismo, já que esse produto é muito consumido. Entretanto, há uma diferença mais preponderante entre os contos em questão que não foi citada por esse aluno: a tradição oral.

Vimos que, no conto moçambicano, a tradição oral é fortemente apresentada já que o texto é narrado como se várias pessoas contassem uma história diferente para uma criança que é o personagem principal da história. Ele tem uma dúvida: porque a palma da mão e a sola dos pés dos negros são mais claras do que o resto do corpo. Então, cada personagem tenta tirar sua dúvida contando uma história diferente dos demais. Por isso, vemos essa oralidade como um fator preponderante do texto o que nos faz lembrar que, na cultura africana, isso é muito comum já que os mais velhos sempre tem esse costume de contar histórias para os mais novos.

Sujeito 17

Inicialmente, veremos a resposta do sujeito 17 para a primeira questão, isto é, veremos qual a semelhança entre os textos encontrada por ele. Vejamos a resposta na imagem abaixo.

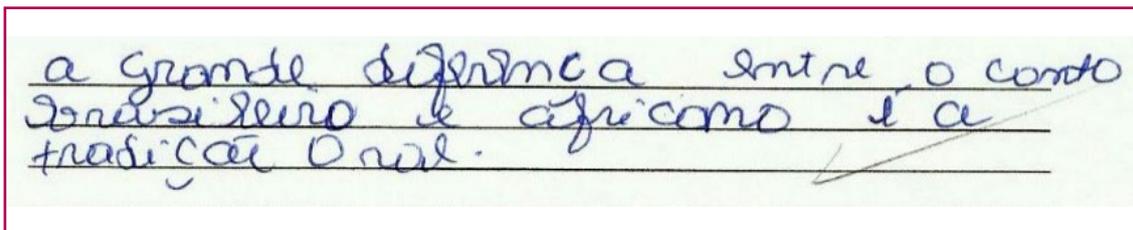
Figura 3: resposta do sujeito 17 para a primeira questão



Ao observarmos a resposta do sujeito 17 acima no que se refere às semelhanças entre os textos abordados, vemos que o aluno identificou duas semelhanças, sendo elas: o racismo e o Cristianismo. O racismo já discutido no tópico anterior está presente no conto brasileiro no momento em que a mãe fica com desgosto ao ver que seus filhos haviam ficado negros e os leva ao rio Jordão para que eles voltassem a ser brancos. Já no conto africano que apresenta várias histórias, o racismo se apresenta em diferentes momentos, dentre os quais podemos citar a história de Dona Dores, de acordo com a qual a palma das mãos dos negros são mais claras do que o restante do corpo para não sujar a comida dos patrões, em outras palavras, os negros nasceram para serem submissos. Outra história na qual o racismo se apresenta nesse conto é a justificativa de senhor Frias quem diz que, quando Deus criou os homens, mandava eles tomarem banho no rio sagrado para ficarem branquinhos. No entanto, os negros ficaram dessa cor porque a água estava muito fria e eles só tiveram coragem de lavar a palma das mãos e a sola dos pés. Por isso, eles tem essas partes mais claras do que o resto do corpo. Por fim, vemos que mais uma vez a cor negra é tida como algo ruim que deve desaparecer no rio sagrado.

Partindo para o segundo momento da análise desse tópico, veremos na imagem abaixo a resposta do sujeito 17 para a segunda questão, na qual os alunos deveriam identificar as diferenças entre os dois contos.

Figura 4: resposta do sujeito 17 para a segunda questão



Após observarmos a imagem acima, vemos que o sujeito 17 identificou a principal diferença entre os textos: a tradição oral. Como já havíamos discutido, a tradição oral se apresenta de forma preponderante no conto moçambicano, o que comprova o quanto a cultura influencia o texto. Já havíamos dito também que a literatura é uma forma de retratar a cultura, portanto, temos nesse conto *As mãos dos pretos* um retrato da cultura africana que recebe grande influência da tradição oral, o que nos faz lembrar que tal tradição remota dos primórdios antes mesmo de na África existir literatura escrita já que essa surgiu, nesse continente, como pressuposto para registrar os textos orais que poderiam se perder ao serem perpassados de gerações em gerações.

Considerações finais

Tendo em vista o objetivo do presente artigo, isto é, observar como se dá o diálogo cultural entre Brasil e Moçambique, na aula de língua portuguesa, analisando as percepções dos alunos/leitores quanto às semelhanças e diferenças culturais entre essas nações, a partir do conto oral moçambicano *As mãos dos pretos* e o conto brasileiro *Porque o negro é preto*, percebemos que tal objetivo concretizou-se, visto que, além de compararmos os contos numa breve contextualização, analisamos as percepções de dois dos alunos participantes da pesquisa que se encontra em processo: sujeitos 13 e 17.

Esse trabalho intercultural nos fez entender não só a função da Literatura Comparada que é investigar a relação existente entre diferentes culturas, nações e homens, mas, sobretudo, vimos o quão importante é observar e aprender com as diferenças culturais. Percebemos também que a oralidade não serve único e exclusivamente para a comunicação verbal, como muitas pessoas entendem, mas também, como uma forma de conservação da identidade cultural de um povo

como podemos ver, por exemplo, no conto moçambicano em que a tradição oral foi retratada veementemente. Outro exemplo são os contos da velha ama ou do velho sábio, o *griot*, nos quais a identidade cultural africana é preservada (JOLLES, 1976).

Pensando na carga cultural presente na literatura oral como discutimos ao longo de todo o trabalho e pudemos comprovar com a análise dos contos orais *Porque o negro é preto* e *As mãos dos pretos*, fez-se necessário analisar os textos retomando a cultura que os circunda. Em outras palavras, ao analisarmos o conto oral brasileiro, retomamos a cultura brasileira, enquanto que, ao analisarmos o conto oral moçambicano retomamos a cultura moçambicana, lembrando que, dentro da cultura moçambicana existem aspectos culturais que são singulares em toda África, assim como, existem também aspectos peculiares de Moçambique. Por isso, aos comparar os contos, lembramos que, embora estivéssemos falando de cultura africana, tínhamos nesse momento, uma cultura em questão que era a cultura moçambicana. Vimos o que o diálogo cultural entre essas culturas brasileira e moçambicana fez-nos entender que, de todas as formas, somos iguais.

Por fim, nossas reflexões confluem para identificar que esse diálogo cultural, isto é, esse diálogo no qual são percebidas diferenças e semelhanças nos permite perceber que, mesmo diferentes, devemos viver em sociedade de modo harmônico. Entendemos, portanto, que a literatura oral é uma das responsáveis por nos dar esse suporte em uma sociedade pós-moderna.

Referências

- CASCUDO, Luís Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FREITAS, Neide. **Oralidade, literarização e oralização da literatura**. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2010.
- JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas do universal ao multiculturalismo**. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. – Rio de Janeiro: edUERJ, 2012.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAÚTE, Nelson. **As mãos dos Pretos**. Moçambique: Dom Quixote, 2001.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

Anexos

Por que o negro é preto

Por que o negro tem a sola e palma das mãos inteiramente brancas? É uma pergunta para iniciar uma história de quando Cristo andou na Paraíba. Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, foi logo dizendo o que sabia a respeito. Não se fez de rogado. E contou que era voz corrente, disso sabendo desde menino, que Jesus, “ao aparecer por aqui”, costumava passear por todos os recantos numa como visita da inspeção.

Avistando-o a distância a mulher de um camponês ficou envergonhada de ser muito moça e já possuir 16 filhos e, então, meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus, aproximando-se, perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa; e indagou ainda se estava satisfeita com a instalação, passadio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. E de repente se mostrou com a curiosidade de saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu a jovem mãe, um tanto embaraçada:

– É um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos, Jesus teve estas palavras sentenciosas:

– Sendo carvão não mudará a cor.

Depois a mulher foi soltar o resto de sua ninhada e ficou surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa de uma mentira se tornara mãe de oito filhos negros. Seu desgosto não podia ser senão enorme. Que fazer, então? Revoltada consigo mesma, não escondia a sua tristeza, até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro, recomendara, cheio de confiança:

– Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar nas suas águas que eles ficarão brancos.

Porém quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gotas apenas para enganar o desejo, resultando de tudo isso ficarem brancas aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

– A boca, Alípio? – Interrogamos.

– Sim senhor – respondeu ele. E acrescentamos:

– A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que conhece com fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar essa história nas reuniões domésticas das senzalas e também da casa-grande, não deixando de fazer as suas “variações de largo fôlego”, entrando detalhes interessantes, enxertos de improvisação, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar e nem pôr.

CASCUDO, Luís Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.

As mãos dos pretos

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser por que é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das cantinas já tenham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei realmente se era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

“Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados para cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!”

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes de ter ido embora e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandessíssima peta. Coisa certa e certinha sobre isso das mãos dos pretos era o que ele sabia: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro, que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei onde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só pôr as mãos desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras do que todo o resto dele.

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que eu achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se fartar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

“Deus fez os pretos porque os tinha de haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de o haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens. Deve ter sido a pensar assim que ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

SAÚTE, Nelson. *As mãos dos Pretos*. Moçambique: Dom Quixote, 2001.

Atividade analisada

Atividade de comparação entre o conto brasileiro *Porque o negro é preto* e o conto angolano *As mãos dos pretos*

Ao lermos os dois contos, *Porque o negro é preto* e *As mãos dos pretos*, percebemos semelhanças e diferenças entre eles, uma vez que cada conto se adequa a sua cultura de origem. Tendo em vista isso, responda aos questionamentos abaixo.

1. Após ter realizado as atividades de interpretação dos contos em questão, percebemos que há algumas semelhanças entre eles. Que semelhanças são essas? Justifique sua resposta com trechos das narrativas.
2. Após termos interpretado os contos, percebemos também uma diferença justificada pelas respectivas culturas. Que diferença é essa? Justifique sua resposta com trechos das narrativas.

RESUMO

O papel da escola na formação de leitores é uma questão que motiva diversas discussões sobre o ensino da literatura. Diante disso, faz-se relevante discutir a literatura africana de expressão portuguesa no tocante à conquista do espaço no Ensino Básico brasileiro como expressão de culturas que fizeram parte do processo de colonização do Brasil. Dessa maneira, é relevante salientar que desde a aprovação da Lei 10.639/03-MEC, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas públicas e particulares, do ensino fundamental até o médio, a inserção das literaturas africanas de expressão portuguesa nas salas de aula do Brasil ganha força e torna-se foco das experiências com a leitura literária no envolvimento do sujeito em formação num contexto que vivencia experiências de diversidade cultural (NÓBREGA, 2014). Para tanto, traçamos como objetivos para esse artigo: 1) Investigar o que os documentos oficiais apresentam como propostas para a inserção das literaturas africanas de expressão portuguesa nas aulas de literatura; 2) Identificar como ocorre o tratamento da literatura africana de expressão portuguesa em salas de aula do Ensino Médio do estado da Paraíba; e 3) Propor uma experiência metodológica com a obra “Vozes anoitecidas” de Mia Couto. Sendo assim, ao considerarmos as estratégias de leitura (SOLÉ, 1998) nas abordagens do texto literário, buscamos a criação de métodos que tornem o leitor foco das ações pedagógicas, permitindo uma experiência de compartilhamento cultural a partir da leitura do texto literário (NÓBREGA, 2012).

Palavras-chave: Literatura africana, Ensino, Lei 10.639/03.